

História de Vida

António Nunes, 70 anos, contabilista, radioamador, poeta, escritor

O *blogger* que se não se dispersa nos números

Lurdes Trindade

lurdestrindadejl@gmail.com

■ No seu *blog Dispersamente* tem um *post* onde se assume como “um leiriense como todos o que o são”, mas ao conversar com o JORNAL DE LEIRIA diz que é “um viseense e portuense tão leiriense como os que o são”. Tudo porque António Nunes, que nasceu há 70 anos em Viseu, foi ainda bebé para o Porto, onde residiu até aos nove anos, tendo regressado aos 16 para estudar. Tal como Leiria, o Porto está no sangue deste *blogger*, poeta, escritor e radioamador. E também contabilista de profissão!

O percurso de António Nunes não é muito comum. Estava a terminar o curso de Contabilidade no antigo Instituto de Contabilidade do Porto quando um amigo lhe falou na possibilidade de dar aulas. Entre Castelo Branco, Covilhã e Leiria, preferiu a escola “mais perto do mar”, sendo assim colocado na então Escola Industrial e Comercial de Leiria. Com apenas 19 anos, o pai entrega-lhe o seu relógio, compra-lhe umas “roupitas” e lá vem ele de mala na mão a caminho da cidade. Já quase noite, num dia de Outubro, e “cheio de calor”, é abordado por um recrutador de restaurante, que o encaminha para o restaurante Peninsular, na Rua Mouzinho de Albuquerque. Ali passa a comer diariamente e arranja dormida na casa ao lado.

No dia seguinte chega à escola, trabalhando das 8 às 23 horas, com alunos quase da sua idade. “Muito nervoso no início, mas correu tudo bem”, revela. “Estive apenas dois anos a dar aulas. Tive de regressar a Viseu para assentar praça.”

Antes de ir para Viseu, conhece a jovem que viria a ser sua mulher, Zaida Manuel Paiva de seu nome, que residia na casa dos azulejos, no Largo da Sé, onde funcionou a Farmácia Paiva. “Encantado com Zaida, abordou-a, pedindo-lhe namoro e ao fim de um mês, em Maio de 1968, combinaram casar-se em Julho, mas o matrimónio viria a acontecer apenas em Outubro”. A entrada na tropa precipitou-se. “Casamos no dia 5 de Outubro, com uma história rocambolesca pelo meio, porque o comandante da companhia pôs-me de serviço à unidade, mas consegui casar.”

No ano seguinte, foi mobilizado para Moçambique onde esteve até 1971. “Quando acabei o serviço militar, tinha uma inspecção administrativa na minha unidade, pedida por mim. Como tinha formação de contabilista, quando cheguei à unidade para ser o chefe da contabilidade fiz um inventário, concluindo que havia um défice grande no orçamento privativo.”

Este “excesso de zelo” ia-lhe custando a “liberdade”, na medida em que entenderam que António Nunes fazia falta no seu lugar, mas o contabilista tanto reclamou que ao fim de três meses foi ouvido e regressou finalmente a Portugal, vindo juntar-se à mulher e à filha (nascida em Moçambique) que entretanto tinham saído da ex-colónia assim que a sua comissão terminou.

Em Leiria, foram viver alguns anos na casa do largo da Sé, até que compraram apartamento na Quinta do Bispo e mais tarde uma vivenda nos Lourais, Cortes.

Do ponto de vista profissional, a vida de António Nunes também mudou. Deixou o ensino e dedicou-se à Contabilidade, tendo sido uma peça importante na recuperação da empresa de José Ferreira Morgado (Rações Morgado), ao lado de Arménio Vasconcelos, que geriu uma comissão com um empréstimo a fundo perdido cedido então pelo Governo de Mário Soares. “Era um militante do PS muito activo, mas depois desidudi-me”, conta o homem que fez parte da Junta e da Assembleia de Freguesia da Barreira.

A sua paixão pelos computadores, pela partilha de informação através da internet, seja em sites, *blogs* ou mais recentemente no *facebook* tem origem na sua actividade de radiomador. “Comecei a ouvir falar dos *blogs* através da televisão, mas desde que sou radioamador, em 1982, interessei-me muito pelas telecomunicações. Nós, radiomadores, prezamo-nos por sermos os primeiros uti-



LURDES TRINDADE



1 - A família reunida, no Natal de 2015

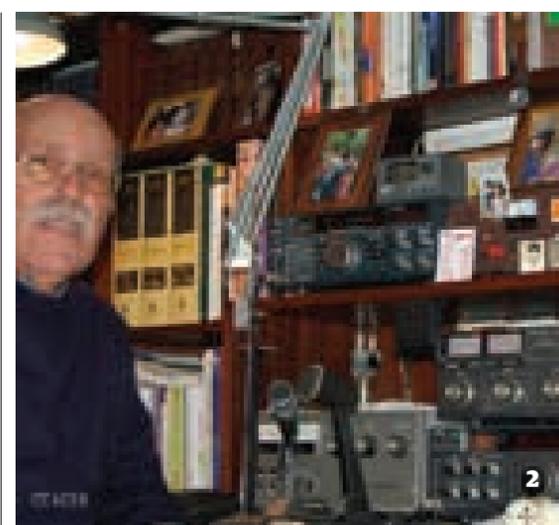
2 - Na estação radiomadora, em 2010, na sua casa, nos Lourais, no cimo da qual se destacam a torre e as grandes antenas

lizadores das redes digitais.” Ou seja, muito antes de haver internet (tal como a conhecemos hoje) já os radiomadores estavam ligados em rede por todo o mundo trocando correio electrónico e fazendo uso de BBS’s (Bulletin Board System)."

Quando surgiram os *blogs* na vida de António Nunes, já ele tinha feito sites com *front pages* da Microsoft, o seu primeiro programa para fazer páginas de internet. O primeiro empurrão foi dado pelo filho, engenheiro informático, mas a partir daí caminhou sozinho, mantendo ainda a sua primeira página da internet alojada no servidor leiria net.

Em 1995, surgem os seus primeiros *blogs* com “o intuito de comunicar com quem quer que fosse e onde quer que estivesse, seguindo a mesma filosofia do radiomadorismo”, mas sempre dando prevalência a Leiria, desde a literatura à poesia, às pessoas, às plantas e árvores, aos autores, escritores e poetas. E à fotografia, mais uma das suas paixões.

Como é que um contabilista se apaixonou pela arte? “Está no meu ADN”, responde o homem que aos 70 anos continua tão dinâmico como quando tinha 20 anos, investigando, escrevendo sobre o que fotografa, participando em tertúlias e mantendo-se activo no exercício da sua profissão, “um trabalho muito exigente, com sucessivas alterações, com necessidade de formação e de actualização quase diária”.



Escreveu dois livros, um sobre Acácio Paiva, poeta, jornalista e dramaturgo natural de Leiria, nascido na casa dos azulejos e tio-avô da sua mulher; e outro sobre os *Caminhos Entrelaçados na freguesia da Barreira-Leiria*. É ainda co-autor da obra *José Teles de Almeida Paiva - Uma Vida, uma Época, uma cidade - 1917-1994*.

Como gosta de escrever poesia, faz parte de um grupo/movimento semi-clandestino a que chamam “Quase Literário Có-Có”, ligado aos serões literários das Cortes. “São cinco elementos, todos escrevem e gostam de escrever, de pensar e de reflectir.” Faz parte ainda de um grupo de poesia e cultura na Biblioteca Municipal de Alcanena. Reune há dez anos todos os meses com aquele grupo para o qual foi “arrastado” pelo seu amigo Joaquim Soares Duarte, da Rádio Batalha, falecido em 2013. “Ele gostava muito de poesia e tinha ligações ao seu director, Óscar Martins. Sentimo-nos bem lá. Não somos poetas de elite, mas gostamos de poesia.”

Hoje, o seu *blog* mais conhecido é o *Dispersamente*. Continua a alimentá-lo, embora também funcione muito como fonte de informação. “Se precisar de algum dado sobre qualquer assunto é mais fácil encontrá-lo lá do que no Google”, diz o sócio-fundador da ACLAL (Academia de Letras e Artes Lusófonas - Associação Cultural), que tem como presidente o seu grande amigo Arménio Vasconcelos.